

# Educação brasileira e Politecnia:

implicações de um conceito gramsciano

Tháís Mesquita Favoretto

**Como citar:** FAVORETTO, T. M. Educação brasileira e Politecnia: implicações de um conceito gramsciano. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 221-224.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p221-224>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# Educação brasileira e politécnia: implicações de um conceito gramsciano

Thaís Mesquita Favoretto<sup>1</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

O debate acerca da noção gramsciana de politécnia se apresentou como eixo da discussão sobre a democratização do sistema educacional brasileiro no período pós-ditadura militar. Com a ascensão de Lula à presidência, expoentes desse debate tiveram acesso aos quadros governamentais, empreendendo mudanças através de políticas públicas e de medidas programáticas na educação, baseados na apropriação desse conceito de politécnia. Analisar de que forma ocorreu essa apropriação e qual a sua implicação político-educacional, é a proposta dessa pesquisa; seu objetivo mais amplo é refletir sobre a concepção de educação e formação do homem socialista em Gramsci assim como pensar o processo de transição socialista no Brasil contemporâneo.

O processo de redemocratização que caracterizou o cenário político dos anos 1980 foi marcado por diversos debates acerca da reconstrução da cidadania, restringida pela ditadura militar que teve início em 1964. Na área da educação, havia um consenso em torno da necessidade de reestruturar todo o sistema educacional a partir de mudanças que empreenderiam a democratização do ensino. Nesse contexto, o conceito de politécnia da tradição socialista, presente tanto no pensamento de Karl Marx quanto no de Antonio Gramsci, se coloca como cerne da discussão de intelectuais preocupados com a mudança estrutural do sistema educacional brasileiro. A politécnia, resumidamente compreendida enquanto síntese entre trabalho intelectual e trabalho manual, se colocava como possível forma de democratização da educação. Sua aplicação prática na escola, através de leis e programas, deveria promover um ensino ao mesmo tempo humanístico e tecnológico, tal qual propunha a noção gramsciana de escola unitária.

Há diversas discussões acerca do período escolar e da forma pela qual deveria ser implementada a noção de politécnia no ensino, mas o pressuposto do qual partiam os estudiosos da área era consenso: uma escola de igual conteúdo para todos. Se, a partir da década de 1980 se desencadeia o debate da politécnia no Brasil, introduzido por Dermeval Saviani, é apenas em 2002, com a posse de Lula, que esse debate encontra espaço para se concretizar, pois é apenas no governo petista que os defensores do ensino politécnico ascendem aos quadros governamentais.

## 2 - O CONCEITO DE POLITECNIA

A noção de politécnia foi abordada inicialmente por Marx, na temática da formação omnilateral do homem. Esta deveria formar um indivíduo capaz de conceber o trabalho enquanto processo histórico por meio de uma educação ampla, que o possibilitaria a trabalhar tanto intelectual, como manualmente. Essa educação é compreendida pelo autor como composta por três partes, segundo um texto de 1868, muito citado acerca da politécnia:

<sup>1</sup> Graduanda de Ciências Sociais pela UNICAMP e pesquisadora do grupo de estudo "Estratégia do contratempo: Uma investigação sobre o conceito gramsciano de hegemonia" ligado ao Centro de Estudos Marxistas (CEMARX) e coordenado pelo Prof. Dr. Alvaro Bianchi.

1. Educação intelectual; 2. Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica ou militares; 3. Educação tecnológica, que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção, e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais. (MARX, 1983, p. 60).

Ainda que o autor de *O Capital* tenha tratado da politecnicidade, não o fez de modo sistemático; outros autores socialistas se colocaram a tarefa de aprofundar essa questão. Dentre eles destacamos Antonio Gramsci, por trabalhar extensamente a questão da educação socialista e também pela importância que seu pensamento teve no meio intelectual brasileiro, tanto na área da educação como da ciência política. O conceito de politecnicidade em Gramsci, assim como nos socialistas em geral, deve ser compreendido enquanto uma concepção de educação que é indissociável de uma concepção política. A politecnicidade é compreendida pelo autor como um meio de formação/construção do homem socialista, por meio da chamada escola unitária:

escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. (GRAMSCI, 2000, p. 33).

Se a escola única é a instituição que deverá formar os indivíduos, a politecnicidade é o meio pelo qual essa formação se dará, formando homens integralmente em sua capacidade de produção manual e intelectual, “como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2000, p.49).

Para o autor dos *Quaderni*, na modernidade, não basta que o indivíduo domine as ciências humanas e naturais, como intelectual dissociado da vida prática, porém, apenas a prática não é suficiente; deve haver uma composição entre esses dois tipos de conhecimento para que o homem compreenda o mundo não de forma fragmentada, mas como uma totalidade, resultante da relação do homem com a natureza e dos homens entre si. Assim, o conceito de politecnicidade não se restringe a um modo de ensino ou a uma concepção meramente pedagógica; tanto em Marx quanto em Gramsci, a politecnicidade se apresenta como o meio de formação do homem socialista, que é livre por ser seu próprio dirigente e dono do produto de seu próprio trabalho.

### 3 - O DEBATE BRASILEIRO ACERCA DA POLITECNIA

No Brasil, mesmo que a noção de politecnicidade possa ter aparecido em algum texto ou discurso antes dos anos 1980, é apenas a partir dessa data que ela se destaca e toma-se eixo para a discussão da relação trabalho-educação na academia (RODRIGUES, 1998, p.34). O marco inicial desse debate é o texto *Sobre a concepção de politecnicidade* apresentado por Dermeval Saviani no Seminário Choque Teórico, promovido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Neste, ele apresenta o conceito de politecnicidade em Marx, reafirmando a ideia de que “o que define a existência humana, o que caracteriza a realidade humana é exatamente o trabalho. O homem se constitui como tal à medida que necessita produzir continuamente sua própria existência” (SAVIANI, 1989, p.8).

Partindo da noção marxista de politecnicidade, o texto de Saviani dá início a uma série de pesquisas e debates acerca de novos modos para se pensar a reestruturação da educação no Brasil. A aplicação da noção de politecnicidade se apresenta nesse contexto como possibilidade de reestruturação da educação de modo a democratizá-la, uma vez que pressupõe a superação da dualidade estrutural do ensino entendida como separação das escolas em propedêuticas, destinada às

classes dominantes, e profissionalizantes, destinada às classes subalternas. Dentro de um debate mais amplo acerca da educação, destacam-se alguns intelectuais que tratam da politécnica compreendida em sua dimensão socialista.

Gaudêncio Frigotto estuda a relação trabalho-educação procurando desconstruir a Teoria do Capital Humano, pois “o caráter de classe da visão do capital humano estabelece uma redução: do conceito de homem, de trabalho, de classe e de educação” (FRIGOTTO, 1984, p.19). Ao mostrar que essa teoria está vinculada a um interesse de classe, constituindo-se em uma visão reduzida e parcial de mundo, Frigotto aponta a escola como mediadora do processo de acumulação capitalista, ainda que ela não se reduza a isso, posto que a escola é um espaço em disputa pelas diferentes classes. Dessa forma,

A escola que interessa à classe trabalhadora – escola única, politécnica, que prepara o homem desde os primeiros anos de vida para entender e atuar na *societas rerum* e na *societas hominum* – tem como elemento de unidade do político e do técnico e do teórico e do prático as relações sociais de produção da existência historicamente determinadas. (FRIGOTTO, 1984, p.226).

Lucília Machado, em *Politecnia, escola unitária e trabalho*, apresenta o significado da unificação escolar, tendo como preocupação a superação da dualidade estrutural do ensino. Ela constata que no capitalismo atual, “onde a guerra de posições se constitui tática fundamental à consolidação da direção política e à conquista de espaços, a instituição escolar passa a significar importante trincheira de lutas, razão para qual surjam propostas distintas de unificação escolar” (MACHADO, 1989, p.255).

Machado encontra na tradição marxista, da qual destaca Lênin e Gramsci, o meio de unificação escolar que seria capaz de superar a dualidade, enquanto processo a ser construído no capitalismo, ainda que não se concretize nele. Nas palavras da autora:

Todo esforço, ainda no capitalismo, de propaganda e de luta em torno da proposta específica do proletariado, para a questão cultural e escolar, significa, já, o embrião da nova escola, na perspectiva de que o novo surge à medida do esgotamento do velho. (MACHADO, 1989, p.263).

No intuito de verificar de que modo a politécnica poderia se colocar como proposta empírica, Acácia Kuenzer pesquisa onde e como ocorre a educação para o trabalho. Ao longo de sua pesquisa, a autora levanta uma questão de ordem prática e teórica: “até que ponto é possível viabilizar uma proposta de escola única politécnica de 2ª grau em uma sociedade perpassada pela divisão social e técnica de trabalho enquanto fundamento da hegemonia do capital sobre o trabalho?” (KUENZER, 1997, p.148).

Partindo desse debate sobre a politécnica, há de se verificar de que modo esses autores, uma vez em meio aos quadros governamentais sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, procuraram implementar suas idéias acerca da educação através de projetos de leis, decretos, programas e similares. Tendo em vista que muitos deles vêm atuando desde o primeiro mandato de Lula, alguns autores já puderam avaliar de forma crítica essa atuação. José Rodrigues, em um artigo de 2005, constata que as políticas públicas educacionais não apresentaram um avanço significativo em relação ao governo anterior. Analisando essa constatação, o autor verifica que se o desenvolvimento das forças produtivas demanda cada vez mais conhecimento e especialização do trabalhador, a política neoliberal, no entanto, segue em sentido contrário, restringindo direitos e impedindo um desenvolvimento que é inclusive de interesse do próprio capital:

Enfim, a sociedade contemporânea encontra-se diante do seguinte dilema: por um lado, crescem as possibilidades para a dilatação do reino da liberdade; por outro, diminuem os direitos sociais, ampliando o reino da necessidade. (RODRIGUES, 2005, p.277).

No Brasil, devido a essa nova configuração do trabalho, as classes dominantes procuram afirmar a existência de consensos supraclassistas em relação à necessidade de adequação da formação humana aos rápidos movimentos da chamada sociedade pós-industrial. Por trás desse aparente consenso, no entanto, é possível encontrar concepções divergentes; assim, é interessante ressaltar que, mesmo sendo um projeto hegemônico das classes dominantes, essa adequação da formação humana não é contemplada pelas políticas governamentais. Em suma, há um interesse de classe camuflado na forma de consensos supraclassistas sobre uma educação profissional baseada em sólida educação geral e básica e nos conhecimentos técnico-científicos das novas tecnologias; "no entanto", diz Rodrigues, "as políticas educacionais brasileiras - de Collor a Lula - parecem não ir ao encontro daqueles consensos" (RODRIGUES, 2005, p.277).

Afinal, a questão que se coloca é observar de que forma o debate brasileiro acerca da politecnia se traduziu posteriormente em políticas públicas, e se essa tradução implicou em uma continuidade ou uma ruptura com o discurso anterior. Por meio dessa questão principal pretendemos refletir sobre a concepção marxista e gramsciana de educação enquanto formação do homem socialista, assim como sobre os limites estruturais existentes para a implantação dessa formação e do próprio socialismo no Brasil contemporâneo. Nossa proposta, então, é analisar o debate brasileiro acerca da politecnia, reconstituído desde os anos 1980, confrontando-o com o conceito gramsciano de politecnia encontrado nos *Quaderni*; num segundo momento, problematizar a concretização deste debate por meio de leis e programas na área da educação, através da análise das medidas do PROEP – Programa de Extensão da Educação Profissional – sob o governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

## REFERÊNCIAS

- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutivo*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2000.
- KUENZER, Acácia. *Ensino de 2º Grau: o trabalho como princípio educativo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. *Politecnia, escola unitária e trabalho*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *O princípio educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MARX, Karl. Instruções aos delegados do Conselho Central Provisório, AIT, 1868. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Moraes, 1983.
- NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- RODRIGUES, José. *A educação politécnica no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ainda a educação politécnica: o novo decreto da educação profissional e a permanência da dualidade estrutural*. Trabalho, Educação e Saúde, v.3 n.2, p.259-282, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Qual cidadania, qual democracia, qual educação?* Trabalho, Educação e Saúde, v.4 n. 2, p. 417-430, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Educação politécnica*. In: EPSJV (org.). *Dicionário da educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV-FIOCRUZ, PP.112-119, 2006.
- SAVIANI, Demerval. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: FioCruz, Politécnico de Saúde Joaquim Venâncio, 1989.